CDU 869.0(81) Freyre.06

Gilberto Freyre: O Caminho da Casa-grande *

Antonio Paulo Rezende[1]

1. Elogios e Dissonâncias

Criaram-se inúmeras polêmicas sobre a obra de Freyre. Muitas alimentadas pelo próprio, ou por seus adversários mais ferrenhos como Joaquim Inojosa. Existe, atualmente, um olhar mais cordial nas análises sobre a obra gilbertiana, um certo encantamento como sua maneira de entender o Brasil, sua cultura e sua sociedade. Ela não cessa de ser estudada, com bem menos preconceitos do que havia antes, é o que se tem observado nessa última década do século. Freyre tem sido festejado como profeta, ou precursor de metodologias tão comuns na nossa época. Aparece, agora, como renovador, ligado aos temas em moda depois do triunfo Escola dos Annales, da história das mentalidades e do cotidiano. Sem dúvida, ele já escrevia, na década de vinte, sobre cozinha, moda, ecologia, impacto das invenções modernas, morte das tradições, com um estilo agradável, de uma plasticidade notável, muito longe da aridez dos discursos acadêmicos, das chamadas pesquisa científicas, muitas delas envolvidas pelo excesso de dados estatísticos. Freyre era a seu modo um modernista.

Peter Burke, um dos seus admiradores, ressalta:

> *A famosa trilogia sobre a história social do Brasil do historiador-sociólogo Gilberto Freyre (que conheceu*

* Este artigo é um dos resultados das leituras e reflexões desenvolvidas em um projeto de pesquisa intitulado "A casa-grande e o labirinto: tradição e modernidade em Gilberto Freyre e Octavio Paz". A pesquisa contou com a participação dos bolsistas do PIBCT, alunos da graduação em História da UFPE, Cibele Barbosa e Miguel Gomes.

1 Professor do Departamento de História da UFPE.

> *Braudel nessa época), trabalha com tópicos como família, sexualidade, infância e cultura material, antecipando a nova história dos anos 70 e 80. A representação de Freyre da casa-grande como um microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata impressionou Braudel, que o citou em sua obra* (Burke: 1991, p.116).

A época a que Burke se refere, é a década de 30, quando Braudel atuou na Universidade de São Paulo. Complementando as afirmativas do historiador inglês, Freyre anunciava suas simpatias com os temas da nova história em diário de adolescência (*Tempos mortos e outros tempos*) e em seus artigos como colunista do *Diario de Pernambuco*, antes mesmo de lançar a famosa trilogia que lhe trouxe muitos elogios e muitas críticas. O envolvimento de Freyre, com os temas da chamada "Nouvelle Histoire", antecede as publicações de *Casa-grande e senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso*. Há uma continuidade marcante na formulação do seu pensamento.

As afinidades teórico-metológicas de Freyre com os Annales são lembradas, também, por Sebastião Vila Nova ao afirmar que

> *Em oposição à concepção tradicional de pesquisa histórica predominantemente voltada para o estudo dos grandes acontecimentos políticos, os que fizeram a 'Escola dos Annales' estavam antes interessados no que veio ser denominado de 'história total'; uma história voltada para todas as atividades humanas (e não para todos os pormenores da vida social), para o cotidiano (como já fizera Gilberto Freyre em Vida Social no Brasil nos meados do século XIX, sua dissertação de mestrado em Columbia), e não para a superfície grandiosa dos acontecimentos políticos de uma sociedade; uma história em permanente diálogo com a sociologia e a economia, a antropologia e a psicologia social* (Vila Nova: 1995, p. 76-77).

O registro de uma obra interdisciplinar caracteriza a trajetória de Freyre e suas vinculações com a Escola dos Annales e mesmo com produções mais recentes da historiografia.

É importante salientar, portanto, que se Freyre foi bastante coerente nas construções teóricas e temáticas, na perspectiva de continuidade da sua obra, o mesmo não se pode dizer sobre o impacto das suas análises na produção intelectual. Muitos se tornaram seus seguidores inquestionáveis, outros não perdoavam suas conclusões, considerando-o conservador e superado. A aceitação maior da obra de Freyre, até mesmo um crescente interesse em resgatá-lo no meio acadêmico, deve ser entendida no contexto da própria crise de paradigmas das Ciências Sociais, um dos aspectos significativos da chamada crise da modernidade. Esses novos olhares que se constituem, fogem ou buscam fugir da dualidade e do maniqueísmo. A multiplicidade destacada por Ítalo Calvino, no seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*, está sendo incorporada, como também uma quebra na aridez da escrita e uma preocupação com a leveza, uma articulação maior com a literatura, com o poder de sedução do texto e não só sua lógica cartesiana. Há um espaço para que o antigo e o moderno convivam, um cuidado em não rotular. Nesse sentido, Freyre, que se colocava como paradoxal, ganha outro significado. Não basta acusar-lhe de incoerente, porque ele se dizia moderno ao seu modo tradicional.

Citando autores que fizeram críticas mais acirradas a Gilberto Freyre, é importante recordar Dante Moreira Leite, que questiona as posições políticas e teóricas de Freyre. Dante afirma que

> *as posições políticas de Gilberto Freyre – tanto no Brasil como com relação ao colonialismo português na África – contribuíram para identificá-lo com os grupos mais conservadores dos países de língua portuguesa e para afastá-lo dos intelectuais mais criadores* (Leite: 1969, p. 271).

Não esquece Dante de acrescentar que "não é possível identificar um ponto de vista teórico bem definido na obra de Gilberto Freyre, nem indicar o método por ele empregado para chegar as suas afirmações" (Idem, p. 275). Dante Moreira Leite estrutura sua crítica explorando as possíveis contradições existentes na obra de

Freyre, envolvendo uma crítica ao seu conservadorismo e as seus equívocos metológicos, inclusive às interpretações feitas por Freyre das teses culturalistas de Franz Boas.

Carlos Guilherme Mota assume uma posição crítica explorando muitos dos chamados paradoxos freyrianos, reafirmando colocações feitas por Dante Moreira Leite. Segundo Mota, no discurso de Freyre, ficam eliminadas "as contradições do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema social global". Prossegue enfatizando que, do ponto de vista interpretativo-metodológico, "o encaminhamento é hábil, de vez que opera sistematicamente com pares antagônicos... para esvaziar a contradição" (Mota: 1908, p. 67). Mota ressalta que o ensaísmo de Freyre "chegou a ofuscar um crítico de porte de Braudel, que o considerava de todos os ensaístas brasileiros o mais lúcido" (Idem, p. 59). Na sua crítica a Freyre, coloca natureza elitista da obra e o grande relevo dado ao regionalismo. Vincula Freyre às oligarquias ameaçadas pelo movimento de 30: "Obras como *Casa-grande e senzala*, produzida por um filho da República Velha, indicam os esforços de compreensão da realidade brasileira realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo poder" (Idem, p. 58).

Mota e Moreira Leite publicaram suas obras em contextos diferentes, mas marcados pela polêmica ideológica, nos tempos em que se contrapunham pensamentos e teorias, com base nas relações sociais de poder e na existência de uma luta de classes que decidiria os caminhos políticos conservadores ou revolucionários. Tinham consistência e dividiam grupos as famosas teses sobre a revolução burguesa no Brasil, tão presentes em autores como Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes ou ainda em gerações mais novas como as de Luiz Werneck Vianna, Carlos Nélson Coutinho (tradutor de boa parte das obras de Gramsci para o português), preocupados com modelos teóricos explicativos da singularidade da formação social brasileira. A produção acadêmica registra, nas décadas de 70 e 80, muitas dissertações e teses em que se discutiam os rumos políticos do Brasil e sua articulação com os princípios dos diversos marxismos do mais radical ao mais conciliador ou reformista.

Freyre, que se havia envolvido com o movimento político-militar de 1964, ficava estigmatizado como reacionário pela sua obra e pela sua ação política. Simpatizava com vencedores e deles recebia honras. Ler seus livros constituía-se, então, num grande pecado para quem se articulava com as diretrizes da "esquerda" e combatia o autoritarismo das ditaduras militares. Com a "abertura política", a volta das eleições diretas para presidente da república, a redefinição do socialismo e o avanço do neoliberalismo, houve mudanças significativas que estão entrelaçadas com o saber e as leituras possíveis do real. Inquietudes e perplexidades fazem parte desse novo contexto. Há uma desconstrução generalizada, uma dificuldade de se visualizar se os paradigmas da modernidade ainda podem ajudar a conhecer os homens e o mundo. As rupturas trazem uma necessidade de buscar outras saídas. Em momentos de indefinição profunda, os espaços se misturam e os desejos dominantes vão perdendo sua força, tornam-se recordações, memórias de um tempo, recente mas paradoxalmente distante, onde tudo parecia ter uma visibilidade.

Antes dos estigmas, é importante ressaltar a grande admiração que uma boa parte da elite intelectual brasileira tinha pela obra de Freyre. Uma publicação de 1962, feita pela Livraria J. Olympio Editora, registra o prestígio do autor. O seu título é majestoso: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte* e o subtítulo mais ainda, *Ensaios sobre o autor de Casa-grande e senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse livro*. Os participantes da coletânea expressam correntes diversas da elite intelectual, entre eles: Alceu Amoroso Lima, Lúcio Cardoso, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Cândido, Mauro Mota, Cassiano Ricardo, Ariano Suassuna, Miguel Reale, Anísio Teixeira, num volume de quase 600 páginas de elogios e de destaque ao aspecto múltiplo da obra de Gilberto Freyre, inclusive da repercussão das suas idéias no estrangeiro. É difícil encontrar na produção intelectual brasileira algo tão direcionado a um só autor, numa perspectiva tão unânime. Nada exprime melhor o teor da coletânea do que o poema de Carlos Drummond de Andrade (*A Gilberto Freyre*), abaixo reproduzido:

Velhos retratos, receitas
de carurus e guisados,
as tortas Ruas Direitas;
os esplendores passados;

a linha negra do leite
coagulando-se em doçura;
as regras à luz do azeite;
o sexo na cama escura,

a casa-grande; a senzala;
inda os remorsos mais vivos,
tudo ressurge e me fala,
grande Gilberto, em teus livros
(Drummond de Andrade: 1962, p. 46).

Os olhares sobre a obra de Freyre são, atualmente, cheios de fascinação e encanto. Tornam-se raros textos ou críticos que tentam menosprezar suas análises ou achá-las incoerentes e infundadas. Retomam elogios da coletânea citada acima. Nesse sentido, o artigo de José Carlos Reis "Anos 1930: Gilberto Freyre- O re-elogio da colonização portuguesa" é exemplar. Reis faz uma interessante abordagem de Freyre relacionando seu pensamento com outros autores, colocando comentários, perspectivas metodológicas e contextualizando os debates. Não deixa de assinalar o que ele considera virtuoso:

> Freyre é uma autor criativo, sensível ao cheiro, à cor, ao ruído, ao amor e ao ódio, ao riso e ao choro. O passado colonial brasileiro é percebido com seu cheiro e prazer de viver. Ele penetrou no seu tecido social e expressou o inconsciente da vida coletiva, a sua cotidianeidade (Reis: 1998, p. 35).

Faz uma observação significativa: "Por ser sobretudo um 'poeta do Brasil', a discussão metodológica, ligada ao lado de ciência social da sua obra, não é uma discussão simples" (Idem, p. 35). Realmente, fica difícil entender a dimensão da obra de Freyre, seus ricos paradoxos, se a levamos para o debate "ideológico", buscando rótulos, radicalizando o maniqueísmo. É muito pobre afirmar-se que ela está contaminada pela vontade das oligarquias e que o método de análise de Freyre não é sistemático ou desconsidera princípios científicos.

José Carlos Reis enfatiza que:

> *Casa-grande... não é uma obra de ciências sociais, no sentido restrito. É obra poética, uma espécie de composição musical, partitura com ritmo contínuo fundamental, mas que inclui ritornelos, estribilhos, coros, solos... Sua interpretação histórica se confunde ou é inseparável do seu estilo* (Idem, p. 45).

A escrita de Freyre é de uma singularidade marcante. Sua obra pode ser considerada em muitos aspectos repetitivas, nas teses básicas, mas isso não invalida seu estilo leve, a plasticidade do seu texto, sua facilidade de construir imagens. Como veremos, nosso próximo item, muitas teses defendidas por Freyre, nos livros mais conhecidos, estavam, claramente, delineadas na década de vinte. Não se pode esquecer sua experiência como jornalista que olhava o Brasil do exterior e convivia com as discussões mais vivas da elite intelectual norte-americana e européia.

Há toda uma trilha que Freyre percorre, desde os seus primeiros escritos, que nos permite perceber que, apesar de se colocar como paradoxal, firma uma coerência interna que poucos conseguem manter. Isso faz com que mesmo obras que buscam visualizar aspectos considerados pouco gloriosos da obra gilbertiana, como a instigante tese de doutorado em História de Sílvia Cortez Silva, defendida na USP (Cortez Silva: 1995), não deixem de registrar a sua importância. Afirma Sílvia Cortez que Freyre é um dos mitos da intelectualidade brasileira. Trabalhar com mitos é difícil e arriscado, pois se projetam no tempo e têm um grande poder de sedução. Seus seguidores não admitem vê-los

desnudados, convivendo com equívocos, medos e fragilidades. Seus guardiães terminam por negar-lhes qualquer historicidade, mas mesmo o mito tem o seu lugar no tempo. É o seu poder de transcendência que o torna eterno e onisciente.

2. Os Anúncios da Tradição

As primeiras décadas do século vinte foram momentos de grande agitação cultural. Época de vanguardas artísticas, da busca do novo e das rupturas, dos inúmeros manifestos que invadiram as chamadas capitais culturais do mundo. Eram tempos do modernismo, em que

> *A cidade moderna se apropriou da maioria das funções e meios de comunicação da sociedade, da maioria da população e dos limites mais avançados de sua experiência tecnológica, comercial e industrial e intelectual. A cidade moderna se tornou cultura, ou talvez o caos que se segue a ela* (Bradbury: 1989, p. 77).

O modernismo tem, portanto, uma forte relação com o urbano, com seus espaços de contradição e mudanças, com suas perplexidades e perdas. A cidade moderna não nega, radicalmente, a sua memória, mas desafia suas tradições, procura se redefinir, convive cotidianamente com o novo e a novidade. Gilberto Freyre nasceu no Recife, em 1900, um ano depois que Freud publicava a *Interpretação dos sonhos*, obra importante para psicanálise e para redefinição dos paradigmas das ciências humanas, e em que o século XIX vivia seus últimos momentos, cheios de expectativas, num Brasil que discutia, ansiosamente, sua identidade.

As relações entre o antigo e moderno passavam, então, por turbulências marcantes. A modernidade assistia a inquietações no domínio da sensibilidade, no território do desejo. A razão cartesiana sofria seus abalos, os princípios iluministas perdiam muitos adeptos. Abriam-se possibilidades de reinterpretações do mundo e da sociedade, numa velocidade que assustava e incomodava à maioria. Freyre viveu sua infância e adolescência numa cidade que

não tinha as características das grandes capitais do modernismo, mas que vivia grandes contradições e era bastante vinculada as suas tradições. Freyre mostrou-se, sempre, simpático às tradições e aos encantos da sua cidade, desde os tempos de jornalista iniciante, nos seus artigos escritos para o *Diario de Pernambuco*. Intelectualmente, também, se sentia atraído pelo modernismo seja na sua formação em instituições de saber estrangeiras (Estados Unidos e Europa), seja suas leituras marcadas pelo ecletismo.

Quando se autodefine como modernista ao seu modo tradicionalista, ele assume seus paradoxos que de qualquer forma estão inscritos na sua própria formação. Iremos, primeiramente, analisar alguns dos artigos (1918 –1924), desse período da sua vida, numa perspectiva de colocar suas reflexões sobre as questões mais polêmicas vividas pelo homem contemporâneo, antes de publicar a sua obra mais conhecida *Casa-grande e senzala*. Trata-se, sem dúvida, de olhares intrigantes sobre as relações entre o antigo e moderno e de uma singular atualidade. Acompanhando esses artigos, sem o preconceito de exigir definições claras a favor do moderno ou do tradicional, podemos entender melhor o mérito da obra de Freyre e das razões que o levam a ser um autor que desperta paixões, que não perdeu espaço no debate acadêmico e consegue ser reatualizado.

Os temas dos artigos são variados, com muitas observações marcadamente pessoais, com estilo leve, irônico em alguns momentos, com uma atração pelo que estava sendo vivido, fruto das experiências do autor em terras estrangeiras e na cidade do Recife. Freyre não se esconde: opina, revela suas discordâncias, mostra suas perplexidades. Os artigos não possuem características que apresentam textos acadêmicos. Há um efetivo e coerente empenho para que as idéias expostas circulem sem dificuldades de compreensão, mesmo que polêmicas e provocantes. Não faremos uma leitura linear, cronológica, esperando com isso captar o "amadurecimento" do autor. Escolhemos temas que sintetizem suas preocupações básicas e explorem o fato de ele se considerar e ser considerado um autor modernista ao seu modo tradicionalista. A contradição não será vista como erro, mas uma operação feita por Freyre para apreender as especificidades políticas e culturais do seu tempo. O caminho intelectual é também uma estratégia de

sobrevivência, com suas sofisticações no uso dos saberes, máscaras e armadilhas que a linguagem pode propiciar. O autor vive seu tempo, mas com ambições de transcendê-lo, assim se insere na sociedade e redimensiona sua existência, sempre preocupado com o(s) outro(s), seu(s) espelho(s) ou seu(s) contraponto(s).

Os críticos de Freyre são unânimes em apontá-lo como um autor profundamente conservador, sempre ao lado dos dominantes, desconfiado das mudanças políticas. Não se faz necessário, aqui, retomar as argumentações já muito conhecidas sobre o conservadorismo de Freyre, definidas por autores como Dante Moreira Leite, Carlos Guilherme Mota, Luís da Costa Lima entre tantos outros. Nosso objetivo é trabalhar, mais diretamente, com os escritos do autor. No artigo do dia 1 de maio de 1921, encontramos sinais evidentes das desconfianças de Freyre com o sistema de governo norte-americano, com o poder de avaliação das maiorias. Nos comentários que faz sobre o presidente Woodrow Wilson afirma: "O que partiu a meio, inutilizou, despedaçou todo nobre esforço do Sr. Wilson foi o sistema com que a mediocridade vitoriosa defende do governo do mais apto, do melhor, do superior – a chamada Democracia" (Freyre: 1979, v.1, p. 110). Segundo Freyre,

> *O ex-presidente dos Estados Unidos pertencia ao número de indivíduos que o historiador Thomas Carlyle chama 'Real Superiors' – isto é, condutores de homens por direito próprio, por superioridade, quase por seleção natural. Este tipo de 'leader' e o domínio da mediocridade repelem-se* (Idem, p. 110).

"A Democracia nos Estados Unidos", publicado no *Correio da Manhã* de Lisboa, transcrito no *Diario de Pernambuco* de 3 de abril de 1923, é uma interessante análise da experiência política norte-americana. Freyre anuncia o crescimento do pensamento antidemocrático na intelectualidade americana. Faz elogio ao seu povo "cuja capacidade inventiva é notória, cujo amor à aventura é das mais vivas do seu caráter, tem, entretanto, sabido alimentar o culto pelo passado" (Idem, p. 235). Para Freyre a ânsia de

modernismo que caracteriza o povo dos Estados Unidos "não exclui o respeito pelas experiências prévias, sem o qual as aventuras passam a perigosa e às vezes trágicas alucinações", acrescentando que "O exemplo da Rússia aí está vivo, rubro ainda a sangrar" (Idem, p. 235). O tradicionalismo norte-americano reconhece a influência dos mortos sobre os vivos, sendo para Freyre dinâmico e pragmático, não consagrando um saudosismo passivo e paralisante. Tudo isso, representa virtudes, qualidades importantes sempre lembradas como fundamentais para o fortalecimento de uma nação na concepção freyriana: não desprezar a tradição, não esquecer o passado, não se deixar seduzir pelas novidades. Há, porém, na experiência americana "certos males da democracia desvairada e até da demagogia, notadamente nos últimos sessenta anos" (Idem, p. 236).

Freyre atribui o enfraquecimento da democracia nos Estados Unidos aos resultados da Guerra Civil que aniquilou, na sua opinião, a aristocracia de "gentlemen farmers do Sul", sendo os cargos políticos disputados por pessoas desqualificadas, "criaturas simplórias até a boçalidade" (Idem, p. 237). Outra questão importante, segundo Freyre, é que o desenvolvimento técnico dos Estados Unidos exige um governo de "capacidades técnicas que, naturalmente reúnam a esta as qualidades de caráter e nobres virtudes que fixam o tipo do 'Real Superior' e tão dos bons homens públicos ou políticos" (Idem, p. 237). Mais uma vez, fica clara a intenção de Freyre de articular o tradicional com o moderno, dentro de um governo que não despreze suas raízes aristocráticas.

Em outro artigo, de 16 de dezembro de 1923, acontece mais um louvor à tradição. Confessando sua admiração por D. Pedro II, Freyre lamenta que tenha faltado ao governo do imperador "o ar de magistratura paternal que lhe convinha; à sua corte faltou respeito às tradições; faltou brilho militar; faltou ritmo" (Idem, p. 346). E enfatiza que D. Pedro II desprestigiou

> *os valores essencialmente monárquicos: o alto clero, a grande propriedade, o Exército, sendo sua ação política e social comportamentos anti-históricos e contrário aos mais caros interesses de ordem nacional* (Idem, ibidem).

O fim do Império tem, portanto, relação direta ao chamado "extremo liberalismo" de D. Pedro II, aos aspectos ditos mais modernos do seu governo. As manifestações de simpatia de Freyre com tradições antiliberais e monárquicas possuem outros registros. No artigo publicado, em 1 de julho de 1923, Freyre analisa o momento de crise política por que passava Portugal. Seus elogios são direcionados para os grupos antiliberais que defendem e lutam pela reintegração nacional: "A reintegração do país no seu caráter e nas suas tradições, desfiguradas por uma como espessa camada de cem anos de constitucionalismo acaciano e, ultimamente o delírio demagógico" (Idem, p. 277). Aconselha que "O movimento português se pode bem filiar a uma tendência hoje geral entre os mais cultos", citando a forte reação democrática que estava acontecendo nos Estados Unidos, marcada "pelo amor à tradição" (Idem, p. 278). O antigo e o moderno devem ser complementares, porém a apologia da tradição é bem mais freqüente nos artigos de Freyre, o que parece ser uma trilha por ele seguida, na maior parte dos seus escritos.

Os artigos sobre a vida moderna ganham, na sua obra jornalística inicial, um espaço destacado. A especialização que toma conta das profissões chama atenção do autor, sobretudo na medicina americana. Comparando com a situação brasileira, afirma, em 29 de maio de 1921, que os médicos pecam pela generalização. "Tanto enciclopedismo científico tende naturalmente à superficialidade. É melhor especializar moderadamente, sem perder o prumo e o equilíbrio" (Idem, p. 123-124). A onda de especialização se espalha pelos Estados Unidos, levando a redefinições profundas na formação da mão-de-obra. Segundo Freyre, "Antigo operário de uma fábrica de sapatos de Ohio disse-me um dia que nem ele nem ninguém na fábrica sabia fazer um sapato" (Idem, p. 124), eis com certeza um tema central para análise marxista da alienação. Acusa o sistema de ensino superior americano de estar naufragando na especialização, ultrapassando os limites do bom senso. Ironiza:

> *Quando nas chamadas 'graduate schools' das universidades, 'book worms' escrevem volumes sobre volumes para demonstrar, por exemplo, o declínio do prestígio da preposição 'ab' depois da Segunda Guerra*

> *Púnica é que os estudos superiores ameaçam degenerar em mero bizantinismo – um bizantinismo novo, ora lingüístico, ora histórico, ora biológico – enfim um monstro sem cabeças* (Idem, p. 124).

Freyre retrata, também, cenas do seu cotidiano, com muito humor. Dedica um artigo, em 13 de novembro de 1921, sobre as danças americanas que considera bárbaras, assim como o jazz e o *ragtime* horrorosos. Embora sejam sensuais, não têm uma nota de graça e de espírito. Até seus nomes são de "animais desgraciosos, vulgares, proletários: 'turkey trot', 'fox trot', 'the lame duck', 'grizzly bear'. Aí está: peru, pato, raposa, urso" (Idem, p. 155). As modernas danças americanas limitam os movimentos dos bailarinos, elas são incomparáveis "à beleza pura e fina do 'ballet' russo por longo tempo considerado obsceno pelo puritanismo estúpido" (Idem, p. 156). As chamadas invenções modernas e alguns hábitos que elas criam incomodam Freyre. Critica a "telefonite", num longo artigo publicado em 4 de dezembro de 1921, "mania do americano de tudo fazer pelo telefone – as coisas mais banais e as coisas mais sérias: negócio, política, tagarelice mundana, amor, consultas profissionais". Uma mania execrável que "Vem roendo, como um rato a um pedaço de queijo, o que resta ao cidadão dos Estados Unidos de fino, de amável, de século 'XVIII', de 'gentleman-like' de 'lady-like' " (Idem, p. 160). Ao moderno Freyre contrapõe, mais uma vez, o tradicional.

Outra invenção moderna vista como perigosa por Freyre é o cinema e sua ação massificadora, formadora de opinião: "No Brasil, não é hoje o cinema que nos vai plasmando muito mais que a escola ou outra qualquer influência" (Idem, p. 300). A capacidade de convencimento do cinema é ressaltada: "O público sem esforço nenhum e sem a onisciência de estar sendo educado, deixa-se molemente plasmar à imagem da reclame que sugestiona e impressiona" (Idem, ibidem). Propõe, contudo, no mesmo artigo, de 26 de agosto de 1923, que o cinema seja usado para "familiarizar o brasileiro com os não sei quantos quilômetros de paisagem nacional em estado bruto", para campanhas públicas de higiene, fazendo assim contraponto ao processo avassalador de desnacionalização trazida pelas fitas de Hollywood, introduzindo

heróis como Tom Mix e hábitos desconhecidos da nossa cultura. A sociedade de massas anunciava-se, alterando as identidades culturais, uniformizando hábitos e costumes. Freyre considerava, em artigo do dia 23 de março de 1924, que os brasileiros se deixavam levar, facilmente, pelas influências estrangeiras, descaracterizando e comprometendo a unidade nacional: "O excesso de tolerância neste sentido estende sobre nós a sombra de uma ameaça séria: e de nos tornar, um dia de crise, incapazes de orientar a vida nacional de acordo com as nossas tradições" (Idem, p. 381). No mesmo artigo, anuncia em tom profético:

> *Nesse dia terrível, de que Deus nos livre, experimentaríamos quanto pode a 'escroquerie' de uma minoria toda preocupada em lucros materiais, contra os ideais e os interesses comuns de uma vasta maioria que, tolerantemente, se deixa roer no que lhe é mais próprio, mais íntimo, mais característico* (Idem, ibidem).

A massificação avançava nos Estados Unidos em vários espaços de produção da cultura. Em artigo de 12 de março de 1922, a quantidade de livros publicados era, no entender de Freyre, assombrosa:

> *Parece que cada cidadão e cada cidadã nos Estados Unidos está publicando um livro, este inverno. Livros de todo gênero: de viagens, de psicanálise, de versos e de ensaios; biografias, autobiografias, histórias, sermões, receitas de bolos; trabalhos de crítica, exegese política, ciências, arte, jogo de xadrez, modas, novelas* (Idem, p. 193).

Era a banalização que "democratiza execravelmente o escrever de cartas, de livros e de jornais". Seu olhar "aristocrático" não perdoa: "O escrever dessas coisas deverá ser o luxo de reduzida elite" (Idem, ibidem). É interessante estabelecer o contraponto com outro artigo publicado no dia 6 de maio de 1923. Nele exalta o analfabetismo e critica o que ele chama de meio-culto; "Em toda parte é o analfabeto um ser interessante. Subtraído da cultura humana o contingente dos analfabetos, escancara-se

ante nós formidável lacuna" (Idem, p. 254). E exemplifica: "Basta recordar as 'folks dances' dos russos e a música dos negros norte americanos. Eu mil vezes prefiro um menestrel dos nossos sertões a toda uma legião de poetas meio-letrados cá do litoral" (Idem, ibidem). Ressalta outra característica do analfabeto: "... representam os analfabetos papel muito nobre, como elemento saudavelmente conservador. Principalmente entre povos cuja neofilia chega a ser, como entre nós, nevrose" (Idem, p. 255).

Assim Gilberto Freyre traçava os caminhos da casa grande. Era, efetivamente, um crítico atento da vida moderno, muito mais encantado com os espaços da tradição. Acompanhava as mudanças que ocorriam no Recife com lamentações. Havia na cidade, segundo ele, uma mania de mudar que não gostava: "mas tudo que se diga no Recife contra a mania de "mudar" inconscientemente, à toa e a todo pano e a favor do hábito de 'conservar' inteligentemente, nunca é sem atualidade" (Idem, p. 337). Reclamava afirmando que "É o Recife novo uma obra inestética de engenheiros de que se envergonharia o mais rude 'cementarius' medieval" (Idem, p. 314). Esse fascínio pelo novo não devia se impor, pois ameaçava a identidade brasileira, sugerindo uma campanha que educasse no gosto pela antigüidade, que ligasse mais ao nosso passado, a nossa tradição, pois "O instinto de criação alimenta-se do passado; só o de aquisição prescinde dele. Mas uma estética ou uma ordem política adquirida é apenas um empréstimo a 90 %; não identifica um tipo nacional de cultura" (Idem, p. 343). O progresso técnico é uma ameaça ao humanismo, como também o exagerado apego ao moderno é um perigoso desprezo pela tradição. Isso é insistentemente colocado nos artigos de jornais e nos ensaios de Freyre já na década de vinte. São os anúncios claros de sua defesa da tradição, de suas saudades de um passado que se distancia velozmente, representado pelos velhos bondes que "eram tão lentos que faziam esquecer o tempo" (Idem, p. 382).

O olhar de Freyre, cortejador do antigo e da tradição, desconfiado com as seduções do moderno, trouxe polêmicas políticas, ao mesmo tempo que sua maneira moderna de abordar temas diversos do cotidiano trouxe polêmicas acadêmicas.

Eduardo Portella, em artigo publicado na Revista *Rumos*, faz uma observação que sintetiza bem a questão:

> *A obra de Gilberto Freyre sofreu, ao longo da vida do autor, dois tipos de rejeição. O primeiro, de fundo epistemológico, impugnava sua cientificidade. O segundo, de nítida feição ideológica, dedicou-se a estigmatizar o que seria seu conservadorismo. No primeiro caso, os argumentos da maldição partiam da separação contundente de ciências exatas e humanas, até chegar ao confinamento do saber monodisciplinar. A pecha de 'escritor literário' teve papel relevante nesse desacordo indolente. No segundo caso, o veto ideológico simplificado na leitura voltada para as relações de produção no autor de* Casa-grande e senzala *agravou-se, como era de se esperar, a partir de 1964. Teria sido mais corrosivo, não fora as privações teóricas do marxismo mecânico. E a inanição crítica do poder dominante* (Portella: 1999, p. 36).

É nessa trajetória que trabalharemos alguns dos escritos de Freyre no pós-64, sem fazer do paradoxo um ponto de fragilidade da obra do autor, mas um momento de singularidade e riqueza, salientando como Sebastião Vila Nova que

> *O fato de que a dimensão literária, artística, em Gilberto Freyre tenha uma importância singular, inexistente em qualquer outro cientista ou pensador social no Brasil, não significa que não exista um sistema de pressupostos teóricos, metodológicos e epistemológicos a nortear a abordagem freyriana* (Vila Nova: 1995, p. 23).

3. Possibilidades e Profecias

Manuel Correia de Andrade destaca a dificuldade de periodizar a obra de Gilberto Freyre, não só pela quantidade de trabalhos publicados, mas também pela diversidade temática. Termina por dividi-la em quatro fases: a de 1917 a 1930, com o

predomínio de temas relacionados com a sociedade brasileira e defesa do regionalismo; a de 1930 a 1940, quando produz explicações para a formação da sociedade patriarcal brasileira, lançando Casa-grande e senzala; a de 1950 a 1960, quando se preocupou com os problemas internacionais e com a formação de uma comunidade luso brasileira e a última fase, período que Freyre escreveu romances, discutiu aspectos do regionalismo e da modernidade e criticou o crescimento urbano desordenado, defendendo idéias formuladas anteriormente, mostrando que não se afastou de reflexões feitas na década de vinte (Andrade: 1998, p. 38-47). Vamos buscar, nesse sentido, afirmar a coerência do autor, na formulação de certas idéias, no seu apego à tradição e na sua desconfiança política com mudanças bruscas. O seu olhar sobre o antigo e o moderno não sofre nenhuma alteração marcante, lembrando seus artigos do *Diario de Pernambuco*, antes de colocar-se um lugar privilegiado na intelectualidade brasileira.

Vamos analisar, inicialmente, um conjunto de três trabalhos relacionados com o movimento de 1964 e suas implicações. O primeiro é um discurso proferido por Freyre, no dia 9 de abril de 1964, numa manifestação pública organizada, no Recife, pela Cruzada Democrática Feminina. O segundo é um pequeno ensaio intitulado "Forças Armadas e outras Forças", impresso em 1965, em que o autor destaca o papel dos militares nas questões políticas brasileiras. Por último, uma contribuição de Freyre para o programa da ARENA, em 1972, partido que representava os interesses dominantes no período, ligado às chamadas forças conservadoras. Tratam-se, portanto, de reflexões com claro conteúdo político, de posições definidas que mostram as afinidades do autor com o modelo autoritário que se instalava no país. Nas observações políticas de Freyre, feitas nos artigos citados acima, percebe-se, sobretudo, as continuidades do seu pensamento.

O discurso de Freyre foi publicado com um título sugestivo que sintetizava as disputas da época: "Brasil não admite noite terrível em que só brilham estrelas sinistramente vermelhas". Com todo simbolismo da época, havia no título uma condenação ao comunismo, considerado perigoso e caótico, pelas forças políticas que comandaram o golpe de 1964. Ele representa as estrelas sinistramente vermelhas. A manifestação anticomunista foi marcada

por muitos simbolismos, muito bem explorados por Freyre no seu discurso. Ela aconteceu na Praça da Independência "vibrantemente nossa", espaço de defesa das "liberdades pernambucanas". O discurso nacionalista, que traça nossa identidade cultural e nossa independência política, é a base da fala de Freyre:

> *Nós desejamos continuar independentes de qualquer imperialismo, econômico, político ou ideológico; e se sabemos ser hospitaleiros com os estranhos que vêm de suas terras para trabalhar conosco e conviver conosco, sabemos também repelir os intrusos e seus agentes que, com dólares falsos e com sorrisos ainda mais falsos, pretendem nos corromper, nos enganar e nos impor suas ideologias tirânica, tão antibrasileiras quanto desumanas* (Freyre: 1964, p. 8-9).

O movimento de 1964 é visto como "Movimento que há de tornar histórico o ano de 1964 e reafirmar, na história de nosso país, a aliança profunda, nos momentos mais agudos de crises nacionais, das Forças Cívicas e das Forças Armadas" (Idem, p. 9).

É feito um elogio às lideranças militares (Gaspar Dutra, Castelo Branco, Cordeiro de Farias, Justino Alves...) que souberam redefinir os horizontes do Brasil.

A atuação das mulheres é também destacada por Freyre:

> *Elas estão aqui prontas para defender a dignidade nacional, dos mistificadores que a vinham maculando em postos de governo, em institutos como o do café e em organizações como a Petrobrás; e arrancando desses institutos e dessas organizações dinheiro que pertence aos brasileiros, vítimas também da mais desembestadas das inflações: outro ladrão, este imenso, que nos rouba sem que polícia nenhuma viesse se esforçando para detê-lo* (Idem, p. 10).

Assinala também a presença de aliados que defendem a integridade nacional: "...homens e mulheres, católicos e

evangélicos, espiritistas e israelitas, teosofistas ubandistas, jovens e velhos..."(Idem, ibidem). Todos unidos para salvar o Brasil, dizendo

> *basta ao comunismo colonizador, ao imperialismo comunista; a todos os imperialismos; a todos os ladrões _ os de liberdades brasileiras e os de dinheiros públicos; a todos os ricos, exploradores dos pobres; a todos os poderosos opressores dos fracos; a todos os mistificadores da mocidade; a todos os corruptores da cultura universitária; a todos traidores do Brasil...* (Idem, p. 11).

A identidade nacional parecia salva de seus mais ardilosos inimigos, iniciando-se com o movimento de 1964 "todo um capítulo novo de história brasileira e, ao mesmo tempo, toda uma vigorosa projeção cívica das gerações de hoje sobre o futuro nacional" (Idem, ibidem).

O seu pequeno ensaio sobre as forças armadas tem como propósito refutar as acusações de que há um militarismo brasileiro, muito presente, segundo Freyre, entre os liberais norte-americanos. A intervenção política das forças armadas na vida nacional não é comum, ocorrendo em momentos excepcionais. Para ele,

> *Umas das singularidades da gente brasileira, através de sua história nacional, é que vem regulando as relações das chamadas Forças Armadas com as demais forças nacionais sem que tenha surgido, entre nós, em qualquer época, qualquer militarismo violentamente opressor da gente civil ou organizado em casta autocrática ou oligarquia caudilhesca* (Freyre: 1965, p. 6).

Assim Freyre constrói mais uma singularidade da vida histórica brasileira. Essa busca de elementos que definam uma identidade nacional positiva está sempre presente na obra do autor. Formula diferenças que nos distanciam de outros nações, mas que valoriza a nossa capacidade de superar dificuldades e inventar saídas conciliatórias.

Um olhar sobre as principais teses de *Casa-grande e senzala* explicita, mais ainda, as trilhas traçadas por Freyre com relação às especificidades da história brasileira. Nesse sentido, é interessante analisar as reflexões feitas por José Carlos Reis, em artigo citado acima, e no livro de Ricardo Benzaquem de Araújo, *Guerra e paz e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30.* Segundo Benzaquem, não se deve exagerar nessa perspectiva conciliatória e negadora de conflitos da obra freyriana, pois em *Casa-grande e senzala* "podemos perceber que, apesar da mestiçagem, da tolerância e da flexibilidade, o inferno parecia conviver muito com o paraíso, em nossa experiência colonial" (Benzaquem de Araújo: 1994, p. 48). Não há, portanto, um apagamento dos conflitos, da violência, mais uma leitura que procura, que tenta suavizá-los, mostrando que a sociedade soube solucioná-los, evitando radicalizações. A sociedade se institui, portanto, a partir e apesar das diferenças, com as quais lida enfatizando a conciliação.

As forças armadas se apresentam como uma instituição com um papel positivo, como um agente que soube administrar crises e ajudar a superá-las, desde os tempos do Império. Aliás, para Freyre, o grande articulador do Estado Nacional foi José Bonifácio de Andrada e Silva, pois conseguiu combinar as necessidades de segurança com as de desenvolvimento; "tendo a monarquia sido, no Brasil, uma forma, de modo geral – admitidas suas várias imperfeições – de conciliação..." (Freyre: 1965, p. 15). A solução monárquica, que nos diferencia dos outros Estado latino-americanos, e a presença de militares como Caxias, figura modelar, são para Freyre dados importante. Sua admiração pelo militar é grande: "É desse Caxias que se deriva no Brasil todo um sistema de ética assim de liderança como de serviço, tanto civil como militar: polivalente, portanto, e acima de qualquer simplista antítese civilismo-militarismo" (Idem, ibidem). Compara Caxias a Castelo Branco, primeiro presidente no regime militar pós-64. A constante vinculação do passado com o presente, sempre recorrente na obra de Freyre, parece construir uma visão de tempo circular. A sociedade consolida-se à medida que se reconcilia com seu passado ou que o consagra como modelo. O passado é o grande espelho do presente, sua imagem é fixa, como se tivesse uma forma definitiva.

Quando analisa a passagem da Monarquia para República, não o faz destacando o que muitos chamam de processo de modernização política. Afirma sua concepção de história criticando Comte: "Não é de esperar que o desenvolvimento de uma sociedade no tempo – no tempo histórico – de modo ideal ou de modo lógico" (Idem, p. 16). Nega, também, que os governos militares no Brasil, até aquele momento, tenham tendência para o cesarismo. Muito pelo contrário "quando colocados em posições elevadas de governo, no Brasil, têm se sentido obrigados, até o excesso, a excederam os civis não só em civilidade e em civismo como até em civilismo..." (Idem, p. 17). Estamos longe do militarismo, mas há uma aproximação positiva dos militares nas alianças com civis que facilita a manutenção da ordem e da identidade nacional, essa é uma das teses do autor. Os militares vêm, segundo ele,

> *se salientando pelo seu conhecimento de problemas nacionais e, do ponto de vista nacional, de problemas nacionais, com uma amplitude, nesse saber, que nada tem de pura perícia militar; e que os tem habilitado a ocupar com superior competência cargos difíceis na administração nacional e na própria diplomacia* (Idem, p. 18).

Eles destacam-se pela compreensão dos problemas nacionais que os torna detentor de um saber que justifica suas inserções em espaços políticos e administrações, não próprios da sua área de atuação.

O elogio aos militares é uma constante nos textos de Freyre. São vistos como agentes promotores do equilíbrio nacional, capazes de não se empolgar com as vantagens da modernização de maneira radical, sempre aparecendo como guardiães da tradição. Não representam forças revolucionárias dentro do modelo marxista ou mesmo jacobino. Freyre deixa claro que o processo de mudança da Monarquia para República

> *como foi realizado no Brasil, verificou-se dentro de um processo caracteristicamente brasileiro, antes das chamadas brancas, que das denominadas rubras e, na verdade, sangrentas, com patíbulos armados nas praças e fuzilamentos de vencidos*

> *pelos vencedores, ao pé de muros mais ou menos sinistros, mais ou menos vergonhosos* (Idem, p. 20).

Não somos, portanto, uma nação que vivencia rupturas, porque, segundo Freyre, costumamos "modificar situações sem pretender extinguir radical ou violentamente na situação nova, todos os elementos característicos das antigas que ela vem substituir" (Idem, ibidem). Somos uma Nação que promovemos a dialética do novo com o velho, sem traumas, como afirmam os registros freyrianos bastante simpáticos ao "processo brasileiramente revolucionário". Mesmo alguns comportamentos do governo monárquico, sua centralização de poder abusiva, não devem ser condenados radicalmente. Assim, o papel do analista da história é o de fazer também a conciliação, minimizar as dissonâncias, formular uma tradução do passado que não traga dificuldades para o presente.

Essa fase de passagem da Monarquia para República, considerada de transição, mostrou o quanto o Exército atuou com raro discernimento político. Colocou-se acima das tendências e das regiões. Há no imaginário brasileiro, ainda segundo Freyre, representações amplamente positivas dos militares:

> *Não é em vão que dos nossos santos mais populares os prestigiosos têm sido, por aquela imaginação, investidos de aura militar: Santo Antônio, tenente-coronel do Exército por antiga tradição; São Severino, chamado Alferes Severino, e como tal respeitado; São Jorge, militar a cavalo e objeto como militar a cavalo, de culto não só católico como afro-brasileiro em xangôs e candomblés; o caso também dos santos Cosme e Damião*(Idem, p. 25-26).

Existem, nas lideranças militares, muitas virtudes que as colocam em situação de grande identificação com as aspirações da sociedade brasileira, com seu reformismo político marcante. Freyre chama esse conjunto de virtudes do Exército de caxiismo, exemplo ético para militares e civis, que reúne senso de

responsabilidade, dedicação ao serviço público, sensibilidade à causa nacional.

No artigo em foco, Freyre não faz nenhuma análise mais direta do que foi o movimento de 1964. Cita alguns dos seus participantes, sem maiores comentários, mas é exaustivamente favorável à conduta do militares na vida política nacional, inclusive numa perspectiva salvacionista. Para ele, o Exército tem contido os excessos de "faccionismo, de estadualismo, de anti-brasileirismos de caráter ideológico ou de caráter econômico" (Idem, p. 31-32). Essa admiração é coerente com as propostas definidas por Freyre nas suas críticas e explicações sobre a formação da sociedade brasileira, desde os tempos de colônia. Élide Rugai Bastos, em artigo publicado na *Revista da USP*, chega a uma conclusão que reforça as afirmações feitas acima. Afirma Rugai:

> *Pode-se dizer que a tese do iberismo em Freyre traz em seio uma quase desqualificação das bases de democracia, engendrando uma saída política que prescinde da participação popular na política. A tese sobre o trópico, articulada a ela, também tem conseqüências políticas importantes uma vez que através desse tema aborda questões do regionalismo e da tradição. Mais ainda, é ainda ponta de lança da idéia de conciliação que perpassa sua análise sobre a formação nacional* (Bastos: 1989, p. 57).

Mais adiante, retomaremos o artigo de Rugai na confirmação de aspectos explicativos do universo político de Gilberto Freyre.

"As contribuições para um programa da ARENA", de 1972, foram elaboradas na época do Presidente Garrastazu Médici, a pedido do então deputado Marco Antônio Maciel, quando o partido era presidido por Filinto Müller, com a participação de pesquisadores ligados ao Instituto Joaquim Nabuco. Freyre considera que

> *um partido político construtivamente revolucionário procura influir, junto aos órgãos governamentais*

> *adequados, no sentido de afirmar-se o Brasil, perante si mesmo e perante as demais nações, ativamente consciente de valores que lhe são próprios, entre os quais, sua crescente superação de diferenças raciais pela crescente tendência para se afirmar o seu povo uma além-raça.*

Ressalta que a formação histórica do Brasil é

> *predominantemente, mas não exclusivamente, lusitana ou ibérica, ou luso-católica nos seus germes e na sua língua nacional, já abrasileirada, como língua persistentemente lusotropical sem prejuízo de suas origens latinas, combinaram-se diferenças com unidade* (Freyre: 1972, p. 6-7).

As sugestões apresentadas são amplas, atingindo os vários campos da cultural, social e econômica. Há uma interessante preocupação com a modernização do Brasil, acompanhada de conselhos para preservação da unidade nacional, diminuindo as disparidades existentes entre as regiões, com uma política de urbanização e uma distribuição mais equitativa da renda *per capita*, valorizando uma integração socialmente democrática.

A ARENA, como um partido essencialmente nacional, deveria construir, no entender de Freyre, um programa que combinasse elementos pragmáticos com humanísticos, investindo na formação de quadros nacionais capacitados, tendo as universidades um importante papel a realizar. A famosa tese da morenidade é destacada: "O Brasil é um país de gente crescentemente morena em vários graus, sem que isto importe em não ser autenticamente brasileiro e alvo" (Idem, p. 11). Além disso, o partido deve ser "o construtor de uma situação política que possa servir, no futuro, para ampliar, entre brasileiros, instituições brasileiramente democráticas" (Idem, ibidem).

As idéias de Freyre lembram as colocadas por Gramsci com relação à construção da hegemonia e à organicidade dos partidos políticos. A ARENA é o grande intelectual coletivo do movimento de 1964 que Freyre considera, ao seu modo, revolucionário,

portanto tem a missão de ser "um claro porta-voz da consciência nacional apelando para unidade e solidariedade de todos os brasileiros, sem temer qualquer deles" (Idem, p. 11). O lema básico, sugerido por Freyre, é "Desenvolver-se, modernizar-se, atualizar-se, sem deixar de ser essencialmente brasileira" (Idem, p. 12).

É marcante, no pensamento de Freyre, a questão da identidade nacional, nas suas abordagens mais elaboradas ou mesmo nos artigos de jornais. Atuando com um intelectual orgânico das forças políticas vencedoras de 1964, ele não esquece, nem oculta suas opções políticas. Mantém, porém, essa relação entre o antigo e o moderno, dentro de um equilíbrio que não ameace a ordem instituída, baseada em tradições que formam o caráter nacional, usando uma expressão de Dante Moreira Leite. O seu olhar sobre as relações parece não se distanciar das reflexões feitas nos seus artigos da década de vinte, procurando, sabiamente, mostrar-se atualizado. Quase no final do documento lembra que

> *É notório que a partir de 1964, o modelo da democracia tradicional, que mal arruma, nos países para os quais foi formulado, a revolução tecnológica e os desafios pós-modernos, como vem acontecendo nos EE.UU. e na França, no Brasil vem sendo progressivamente abandonado... O processo brasileiro de procura, desde de 1964, de soluções brasileiras para situações brasileiras, se não se caracteriza pela reforma das estruturas, comprova a modernização do país* (Idem, p. 15).

Os textos apresentados nos dão um quadro expressivo do pensamento político de Freyre. Neles estão contidas reflexões que são fundamentais e que estão presentes, também, nas análises mais de fundo cultural do autor. O artigo de Élide Rugai, acima citado, faz uma excelente radiografia do pensamento político de Freyre, articulando com outros autores ligados à tradição cultural da Península Ibérica, como Ortega y Gasset e Unamuno, e vendo de que maneira a formação da sociedade brasileira tem seus vínculos com a sociedade ibérica, sobretudo na sua capacidade de conviver com as diferenças e saber harmonizar os contrastes.

Segundo Rugai "o ponto mais marcante da reflexão é o que diz respeito à ausência, tanto entre hispanos como, por herança entre os brasileiros, de uma racionalidade tipicamente burguesa" (Bastos: 1989, p. 51). Freyre busca na rusticidade a justificativa para suas análises que é o elemento indicativo

> *da resistência à homogeneização burguesa, o que abre amplo espectro à aceitação de inúmeras formas culturais dificilmente assimiláveis dentro do gabarito escrito da civilização, conforme definida pelas sociedades industriais* (Idem, ibidem).

Não é, sem sentido, que Freyre insista na identidade cultural, ressalte a singularidade das soluções encontradas pela sociedade brasileira, receie que modernização tecnológica destrua os "autênticos" valores nacionais e desconfie da eficiência da democracia burguesa.

Ainda no período posterior a 1960, Gilberto Freyre escreveu um livro com um título realmente sugestivo: *Além do apenas moderno...*, publicado em 1973, pela J. Olympio, editora com grande prestígio no meio intelectual. Freyre mostra-se interessado por temas considerados pós-modernos, derrubando fronteiras e exercendo a interdisciplinaridade tão comentada atualmente. De autor preocupado com as tradições, com a manutenção da ordem política, da preservação da nacionalidade passa a fazer projeções sobre o futuro, sobre o choque das gerações, sobre os desafios pós-modernos do homem apenas moderno. Freyre não deixa, porém, de manter sua visão de história, sua futurologia não nega sua forte relação com o passado, a coerência com suas formulações iniciais.

Tomamos a Introdução do livro como base da nossa análise, enfatizando os pontos referenciais abordados pelo autor. Primeiramente, a preocupação com o conceito de tempo, para ele, fundamental para construção da cultura e que ganha uma dimensão futurista, na medida em que as civilização ficam mais complexas, com a multiplicação dos projetos de planificação da vida social. Tudo isso tem suas armadilhas. Freyre critica o cientificismo, baseado no culto às ciências exatas, e uma concepção de tempo que considera o novo sempre superior ao velho. Afirma Freyre:

"Nada de nos esquecermos das advertências de mais de um filósofo de que, nos domínios do saber, a simples exatidão – que tanto simplifica esse saber – não é suficiente para chegar-se às verdadeiras verdades: tão complexas" (Freyre: 1973, p. 5). A planificação é uma ameaça à liberdade, é uma quebra das possibilidades de aventura e do risco, da elaboração criativa da cultura, pode levar ao totalitarismo segundo as considerações de Freyre. Com perspectivas diferentes, ele faz o ataque à "sociedade administrada", burocratizada, enfeitiçada pela tecnologia, crítica também presente nas obras dos frankfurtianos e que ganha, hoje, grande espaço no debate sobre a pós-modernidade. É claro que um pensador, como Marcuse, acreditava na superação da alienação existente no capitalismo e propunha mudanças na ordem social que desmontariam a estrutura de poder dominante.

Freyre encontra alternativas no pensamento hispânico, para ele ponto de encontro dos saberes orientais com ocidentais. Essa valorização dos antecedentes culturais hispânicos tem importância para o Brasil. Segundo ele,

> *somos uma gente hispânica sendo também uma gente situada no trópico e localizada na América: duas outras dimensões de espaço-tempo que nos condicionam, além da cultura, o ethos; e que se juntam _ inclusive com suas contradições para dar às preocupações brasileiras com futuros possíveis que se exprimiam através de estudos sociológicos desses futuros de uma riqueza incomum* (Idem, p. 8).

Essa condição leva ao conceito de tempo tríbio:

> *somos uma gente situada no espaço e no tempo de três – pelo menos – diferentes maneiras, com preocupações por futuros possíveis em que se refletem predominâncias de apego ora a uma, ora a outra dessas situações* (Idem, p. 9).

Freyre preocupa-se com os valores sociais que possam ser assumidos pela cultura brasileira, para que ela não perca sua autonomia e preserve sua identidade histórica.

Freyre visualiza o retorno das tradições humanísticas que tendem a ganhar espaço no mundo pós-moderno com a crise dos determinismos. A volta da valorização do humanismo significa também a valorização da totalidade e não de uma concepção fragmentária de mundo, para ele significa a vitória do modo tradicionalmente lusitano do homem situado na sua totalidade temporal. Além disso,

> *a própria tecnologia cada dia oferece aos homens de um tempo pós-moderno a anunciar-se no moderno facilidades de se comunicarem pela própria voz – sem auxílio da escrita – com seus continuadores ou sucessores com homens de um tempo já futuro: sob vários aspectos desgarrados biologicamente, além de socialmente, dos sucessores* (Idem, p. 17).

É interessante como os impasses do moderno criam condições para o retorno de tradições e comportamentos do passado. Freyre constrói sua reflexão em cima dessas contradições, consegue enxergar no pós-moderno, conceito pouco usado na época, um território favorável para renascimento de um mundo aparentemente perdido.

A vivência do tempo tríbio torna-se, portanto, fundamental para a cultura, podendo-se dizer que "não há arte sem vivência; não há futuro sem presente; não há presente sem passado" (Idem, p. 19). Acrescenta

> *que é preciso, para termos um sentido assim total e assim dinâmico, quer de tempo, quer de cultura, é que não nos deixemos seduzir, como é a tendência de alguns, por um lado, pelo que é transitoriamente moderno como se fosse um estado definitivo do tempo ou de cultura; por outro lado, pelo já consolidado em valor erudito, valor clássico, valor alfabético, como valores que constituíssem outro estado definitivo ou único de tempo e de cultura* (Idem, p. 20).

Aponta e analisa as características que compõem a sociedade e homem mais-que-moderno: o tempo de lazer ampliado, a

velocidade constante, a aproximação cultural entre os povos e a possibilidade de integração de culturas diferentes. Na construção dessas relações, "estamos diante de outro caso de substâncias arcaicas a tornarem-se, sob novas formas, pós-modernas, à revelia de antiarcaísmos apenas modernos, nos seus aparentes racionalizantes de constantes irracionais" (Idem, p. 34). Nessa operação histórica, descrita por Freyre e tema do seu livro, marcada pelo retorno de tradições, revisitadas, e por um revolução "biossocial" que valoriza a mistura, o mestiço, a intuição, a capacidade de múltiplas experiências temporais, o Brasil, no seu entender, tem um lugar especial pelas suas características culturais, tão enaltecidas pelo autor. Mesmo na pós-modernidade, o seu fascínio pelo passado não se dilui.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. "Gilberto Freyre e o impacto dos anos 30", In: *Revista USP* - N.1 (jun./ julh./ago.de1989)- Dossiê Intérpretes do Brasil- Anos 30.São Paulo, USP/CCs,1998.

BASTOS, Élide Rugai. "O Iberismo na Obra de Gilberto Freyre"; In: *Revista USP* nº 38, Dossiê Interpretes do Brasil Anos 30. São Paulo; USP, 1989.

BENZAQUEM DE ARAÚJO, Ricardo. *Guerra e Paz e obra de Gilberto Freyre nos anos 30.* Rio de Janeiro: Editora 34,1994.

BRADBURY, Malcolm. As Cidades do Modernismo. In: Mai, M. e Mai, James. *Modernismo: guia geral.* São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989.* São Paulo: UNESP, 1991.

CORTEZ SILVA, Sílvia. *Tempos de casa-grande (1930 – 1940).* São Paulo: USP, 1995.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte.* Rio de Janeiro: J. Olympio,1962.

FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*: sugestões em torno de possíveis futuros do homem em geral, e do homem brasileiro, em particular. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

_______. "As Contribuições para um programa da ARENA". Recife, 1972. Datilografado.

_______. "Brasil não admite noite terrível em que só brilham estrelas sinistramente vermelhas". Recife, 1964. Datilografado.

_______. "Forças Armadas e outras forças". Recife, 1965. Datilografado.

_______. *Tempo de aprendiz.* São Paulo: IBRASA/ Brasília: INL, 1979.vol.1.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro.* 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

MOTA, Carlos Guilherme. *A ideologia da cultura brasileira* (1933/ 1974). São Paulo: Ática,1980.

PORTELLA, Eduardo. "Gilberto Freyre: Além do Apenas Moderno". In: *Revista Rumo*, Ano 1, nº 1, jan.1999.

REIS, José Carlos. *Revista Pós-História.* Assis-SP:.6:33-66,1998.

VILA NOVA, Sebastião. *Sociologia e pós-sociologia em Gilberto Freyre.* Recife: FUNDAJ/Massangana, 1995.